

A brutal realidade das pessoas em situação de rua

José de Souza Martins

Por José de Souza Martins

Valor Econômico, 18.12.2020

A covid-19 agravou e muito nossa miséria humana, a dos pobres de tudo, as vítimas da pandemia de carências, filhas do neoliberalismo econômico excludente

O coração dos brasileiros que o têm, que são os acostumados a se preocupar com os outros, certamente terá um cuidado adicional com o não pequeno número dos moradores de rua. Os confinados no meio de ninguém, cidadãos de país nenhum, os órfãos de pátria. A covid-19 agravou e muito nossa miséria humana, a dos pobres de tudo. As vítimas da pandemia de carências, filhas do neoliberalismo econômico excludente.

A brutal realidade desumanizadora dos moradores de rua ficou dolorosamente evidente nos resultados de uma pesquisa sociológica de emergência, realizada na cidade de São Paulo no mês de novembro e parte de dezembro.

Foi ela proposta e coordenada pela professora Fraya Frehse, do Departamento de Sociologia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e acolhida no Instituto de Estudos Avançados.

Há anos ela se dedica ao estudo das ruas da cidade e dos costumes de sua população. Teve como auxiliar de coordenação a dra. Maria Antonieta da Costa Vieira, antropóloga pela Unicamp, reconhecida especialista no tema, que há 30 anos coordenou a primeira pesquisa ampla sobre a população de rua na cidade.

A realização da etnografia sobre “Morar nas Ruas de São Paulo Durante a Pandemia de Covid-19” reuniu 28 pessoas, a maioria jovens doutorandos das ciências sociais, da USP e da Universidade Federal do ABC.

A pandemia, em vários casos, alterou a condição dessa humanidade para pior. Melhorou apenas nas providências oficiais localizadas e insuficientes, como a de instalar equipamentos propriamente domésticos em certos lugares, e não em outros, como lavadoras, pias, sanitários.

Mas isso só resolverá o problema se, permanentemente, o poder reconhecer que uma nova cidade está nascendo ao ar livre, para abrigar a humanidade dessa nova, inventiva e diferente sociabilidade, nova concepção de família, de comunidade e de direitos sociais. As providências da emergência mostram que é possível reinventar a cidade para torná-la lugar de todos que dela carecem.

Uma das pesquisadoras chamou a atenção dos participantes para as particularidades da situação das mães de rua. São mulheres que trabalhavam e durante o dia podiam deixar os filhos nas creches da prefeitura. Com a covid-19, as creches foram fechadas, as mães tiveram que deixar de trabalhar para ficar com as crianças. O serviço público brasileiro não foi feito para atender uma sociedade de gente abandonada. O brasileiro de referência do Estado é o que tem por perfil o funcionário público, a classe média.

Moradores de rua não abrem mão dos critérios de decoro e das regras de civilidade que as faz tão humanas quanto as demais pessoas ou até mais. Tenho confirmado isso em

conversas com eles. Porque tem melhor compreensão do que esta sociedade é na medida em que vivem as irracionalidade e contradições que as vitimam.

O auxílio emergencial lhes trouxe algum alívio. Mas, para ter direito a ele, é necessário fazer o cadastramento por meio do telefone celular. Ora, a maioria dessas pessoas não tem celular, e, se o tem, não tem acesso à internet. Os sábios do Ministério da Economia tomam decisões para ajudar seres imaginários, os do “tuíteer” presidencial, não seres de carne e osso, que não raro não têm sequer o que comer.

Uma das queixas, especialmente das mães, é a de que tem abrigo num bairro, mas o local de dar banho nos filhos é no centro da cidade, para o que precisam do dinheiro, que não têm, para a condução.

A pandemia provocou ações públicas e privadas de socorro e emergência. Há muitos seres humanos na cidade que enxergam os outros humanos que estão na rua. Muitos moradores de rua foram nela viver porque, desempregados, não tiveram mais como pagar o aluguel de suas casas e foram despejados.

Com a pandemia, encontrar um trabalho, mesmo trabalho precário, ficou literalmente impossível. Guardadores de carros na rua, que ganhavam alguns trocados todos os dias, descobriram que as ruas ficaram vazias, já não há mais carros para guardar.

Os grandes especialistas da economia oficial tudo calculam e tudo preveem em função do Brasil oficial, um país cada vez mais de ficção, e não em função do Brasil real, que é o país que mais precisa de socorro. Um país governado pela tirania de um abstrato modelo econômico feito para proteger o lucro de alguns, mas não para beneficiar a sociedade.

Por esse caminho, um número crescente de brasileiros está mudando para a rua. Desenvolve ali uma nova e diferente sociabilidade, autodefensiva e inventiva, nova concepção de família e de comunidade, outra concepção de Brasil, um Brasil sem instituições públicas, provavelmente o Brasil da democracia direta e popular. O Brasil do acaso.